

A22040

Cidadania contra as drogas

No Programa de Redução de Danos, ex-viciados e pessoas das comunidades abordam usuários de drogas, principalmente injetáveis, para minimizar riscos à saúde

BEATRICE CHAGAS

Uma questão de cidadania. Essa é, provavelmente, a melhor justificativa para a existência do Programa de Redução de Danos (RD), um projeto que visa à minimização de riscos à saúde do usuário de drogas, principalmente das injetáveis.

Implantado há pouco mais de quatro meses no Centro de Prevenção e Tratamento de Toxicômanos (CPTT) de Vitória, o projeto já mostra resultados. A cada ida semanal a campo – que são em número de quatro –, são abordadas cerca de 32 pessoas. Do início do projeto até hoje, 16 usuários de drogas aderiram ao programa.

Dados de 2001 relatam que 720 novas pessoas iniciaram tratamento no CPTT. Esse dado é muito importante para o caso específico da Capital. As projeções estatísticas reveladas pelo CPTT, apoiadas por pesquisas da Organização Mundial de Saúde (OMS) de 2000, mostram que dos 292.304 (IBGE, 2000) habitantes do município, 29.188 (10%) são alcoolistas; 87.574, cerca de 33%, tabagistas; e cerca de 8.983 pessoas, ou seja, 3,2%, com idade superior ou igual a 15 anos, fazem uso de outras drogas.

O uso de drogas tem diferentes padrões: existe o uso

recreativo ou experimental, o ocasional, o habitual e a toxicomania. De acordo com dados dos casos notificados na Secretaria Estadual de Saúde (Sesa), em 2000, 14,5% dos usuários de drogas injetáveis (UDI), como a cocaína, foram contaminados pelo vírus HIV. Dados de fevereiro de 2002 relatam 16%.

A psicóloga e supervisora do trabalho de campo do Programa de Redução de Danos do CPTT, Nádia Almeida Carpanedo, conta que o programa foi implantado na Capital entre o final de agosto e início de setembro de 2001, quando se realizou o primeiro curso de capacitação para o trabalho. O lançamento oficial, porém, foi feito no dia 6 de dezembro pela Prefeitura de Vitória.

O Programa de Redução de Danos visa à prevenção de doenças, principalmente as transmitidas por via endovenosa, como a Aids e as hepatites B e C.

Muitas vezes, o usuário contamina o/a parceiro/a não-usuário. Dessa forma, o uso de drogas, de uma forma geral, é alvo de interesse e trabalho da proposta. Mas o abuso de álcool e tabaco também é alvo de preocupação do programa.

Na equipe recém-formada de redutores de danos, há oito

voluntários que abordam pessoas nas ruas e efetuam a troca de seringas, entre eles, usuários e ex-usuários de drogas; uma assistente social; uma psicóloga; um médico clínico e dois estagiários: um supervisor de campo e outro psicólogo. Todos fizeram o curso de capacitação em 2001, requisito básico para entrar no grupo.

De acordo com a coordenadora do CPTT, Inês Maria Antunes Paes Torres, essa é considerada uma equipe inicial, mínima necessária para viabilizar o programa. "A Prefeitura de Vitória está buscando uma constituição da equipe maior".

Frequência

O trabalho deles é realizado uma vez por semana em campo, a mesma frequência no CPTT para supervisão do trabalho, em que é feito relatório e há reunião de equipe. Mas há uma exigência: os redutores que ainda fazem uso de drogas não devem, sob nenhuma circunstância, fazê-lo no momento do trabalho.

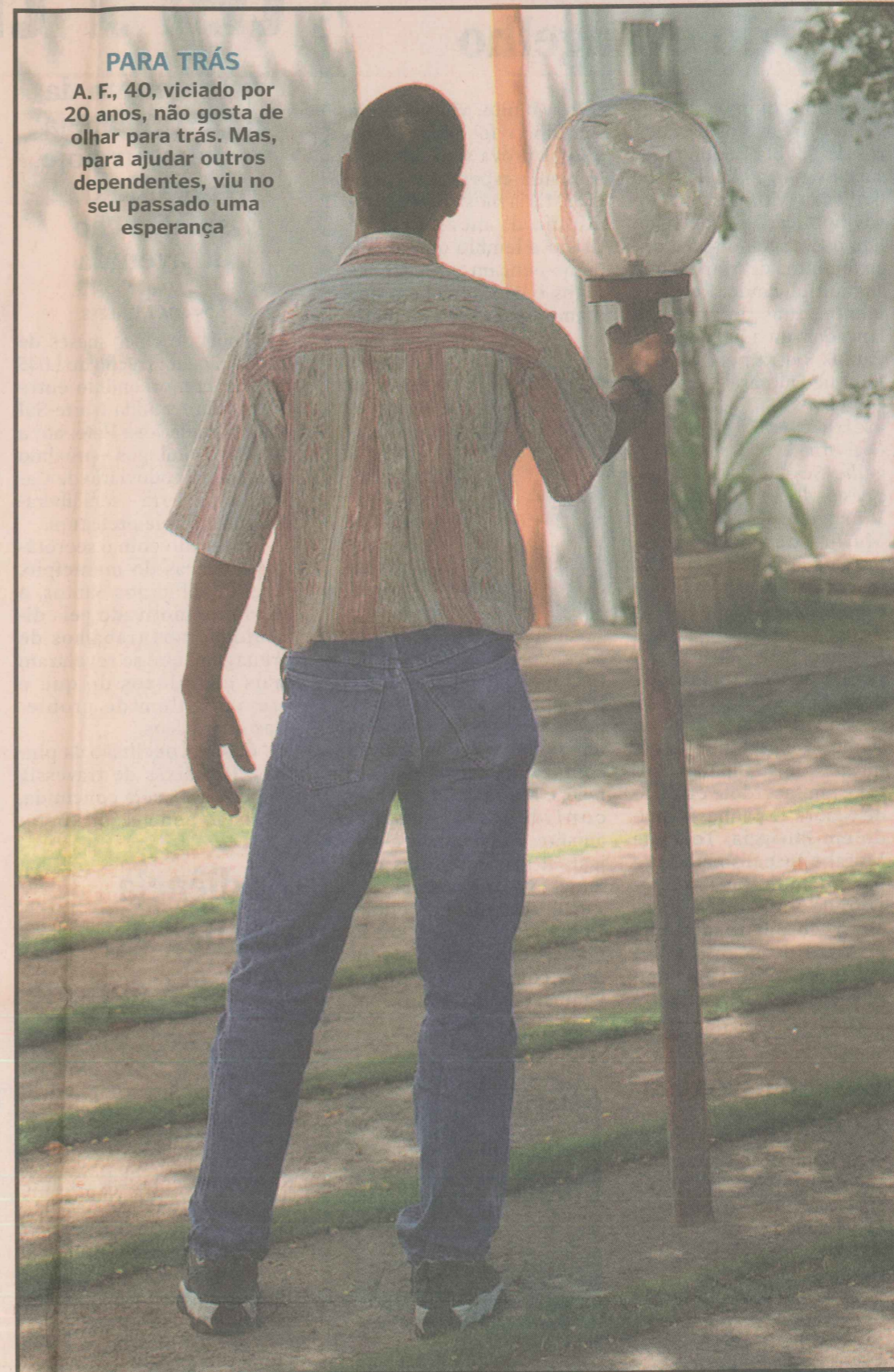
A supervisão de trabalho de campo é imprescindível, pois é nesse momento que a equipe expõe o medo, a angústia e tudo que mexe com a estrutura emocional das pessoas. Alguns componentes têm espaço de acompanhamento individual quando necessário.

A equipe que vai a campo trabalha sempre em duplas. A supervisão é feita bimestralmente pelo coordenador do Núcleo de Relações Internacionais da Associação Brasileira de Redutores de Danos (Aborda), Domiciano Siqueira.

Em alguns bairros, como Jardim da Penha, Morro de Santa Marta e do Romão, há os

PARA TRÁS

A. F., 40, viciado por 20 anos, não gosta de olhar para trás. Mas, para ajudar outros dependentes, viu no seu passado uma esperança



ENFÁTICA

Ignês Maria Antunes Paes Torres, coordenadora do CPTT: 'A sociedade deve rever seus preconceitos'





Evanisto Borges

ONG tem 150 programas no país

A Associação Brasileira de Redutores de Danos (Aborda) surgiu em 1997, a partir do in-

RD é um conjunto de estraté-
 gias que prevêm a redução do
 vírus da Aids e das hepatites
 do Ministério de Saúde.

O coordenador do Núcleo de
 Relações Internacionais da
 Aborda, Domiciano Siqueira,
 em entrevista exclusiva ao Jor-
 nal A GAZETA, conta que a pri-
 meira sede foi no Rio de Janeiro

52% dos UDIs são soropositivi-
 vos e 80% deles têm hepatite B
 e, agora, será em Belo Horizon-
 te. Este ano, quando a ONG faz
 cinco anos, há 150 Programas de
 Redução de Danos (RD) e 18
 ONGs espalhadas pelo país, tra-
 balhando com o tema.

Outra vitória, segundo Do-
 miciano, é o número de usuá-
 rios de drogas injetáveis (UDI)
 que estão vinculados, hoje, a es-
 te programa: 45 mil. Desse nú-
 mero, cerca de 60% pararam de
 compartilhar seringas, e cerca
 de 40% relataram o desejo de
 largar as drogas.

A Aborda é uma organização
 não-governamental que se res-
 ponsabilizou pela organização
 de uma rede de usuários de
 drogas no Brasil. Domiciano es-
 clarece que "o trabalho da
 Aborda não é convencer o UDI
 a largar as drogas, mas torná-lo
 responsável, um cidadão com
 direitos e deveres". Mas uma
 pessoa engajada em um progra-
 ma como esse, garante o coor-
 denador, acaba sentindo o dese-

A equipe que vai a campo
 quando necessário.
 Em alguns bairros, como
 Jardim da Penha, Morro de
 Santa Marta e do Romão, há os
 Amigos do Programa de Redu-
 ção de Danos. São pessoas da
 comunidade que se identificam
 com o projeto e que querem
 ajudar. Atualmente, eles são em
 número de nove.

Usuário se torna mais responsável

Para alguns segmentos reli-
 giosos, o Programa de Redução
 de Danos incentiva o uso de
 drogas. Quanto à essa questão,
 "que reflete o preconceito en-
 frentado pelos usuários e pelo
 projeto", de acordo com a psi-
 cologa Nádia Almeida Carpa-
 nedo, "o programa não incenti-
 va o uso de drogas porque a
 adesão a elas independe disso.
 O uso faz parte de algo subje-
 tivo, particular do indivíduo.
 Vai depender dele", afirma.

Nádia conta que o progra-
 ma faz com que a droga ocu-
 pe outro espaço na vida da
 pessoa, que tenha outra fun-
 ção. O usuário se torna mais
 responsável, controla o uso
 da droga e chega a solicitar
 tratamento.

Inês Maria Antunes Paes
 Torres, coordenadora do Cen-
 tro de Tratamento e Tratamen-
 to de Toxícomanos, é categó-
 rica: "Os usuários que partici-
 pam do programa passam a ter
 mais cuidado com eles mes-
 mos e vêem sua atitude como
 algo que tem efeito também
 sobre o outro".

Ela explica que o progra-
 ma é inserido na política na-
 cional do Ministério da Saú-
 de e uma das prioridades da
 Secretaria Nacional Anti-
 Drogas, que é ligada ao gabi-
 nete de Segurança Institucio-
 nal/Casa Militar da Presidên-
 cia da República.

A coordenadora do
 CPTT enfatiza: "A sociedade
 de deve rever seus preconcei-
 tos e começar a se per-
 guntar o que faz com que al-
 guém no mundo, onde cada
 sociedade tem sua droga de
 escolha, use excessivamente
 determinada droga".

Usar a própria experiência
 para mudar uma realidade,
 é o que fazem os volun-
 tários do Programa de Redu-
 ção de Danos, que entram em
 contato com o mundo das
 drogas, podendo obtê-las
 com facilidade. Os desafios
 são muitos.

O funcionário público mu-
 nicipal A. F., de 40 anos, um ex-
 usuário de maconha, cocaína e,
 ocasionalmente, de LSD, conta
 que "fiquei nessa vida" por 20
 anos. Há dois anos no CPTT e
 em fase final de tratamento,
 A. F. diz que não gosta de olhar
 para trás, mas para ajudar os
 dependentes, olhou e viu seu
 passado. "Minha vida ruin-
 cou aos 15 anos. Há nove me-
 ses em abstinência completa e
 em acompanhamento ambula-

torial específico no CPTT, ele
 conta que se identificou muito
 com o programa de RD. "Te-
 beça erguida, não sou mais um
 usuário me escuta, sinto-me
 gratificado". Tiago tem um pri-
 mo portador do vírus da Aids,
 usuário de drogas, e conhece
 de perto o problema.

Tanto A. F. quanto Tiago
 admitem que não é fácil ir a
 campo. Eles relatam que é co-
 mo um filme da vida deles
 "que passa pela cabeça". As
 lembranças dolorosas vol-
 tam, mas o sentimento deaju-
 dar a quem está onde eles
 estiveram é mais forte. Admi-
 tem, também, que ainda há
 muito o que fazer. O trabalho
 esta apenas no começo.

Para recuperar a dignidade



Agora, sinto-me orgulhoso e
 motivado, gratificado. Quero
 fazer alguma coisa pelos usuá-
 rios de drogas e pelos portado-
 res do HIV. Gosto mais de ser
 um redutor de danos que da
 minha própria profissão", con-
 ta A. F.

Ele faz questão de dizer que
 levou apenas quatro dias para
 parar de usar drogas quando
 iniciou o tratamento no CPTT.
 Agora, vê-se como uma pessoa
 sem rótulos. "Sou mais cida-
 dão. Hoje, eu me amo".

O estudante do primeiro
 ano de Processamento de Da-
 dos Tiago (nome fictício), de
 22 anos, consumia cocaína, ma-
 conha e álcool, hábito que ini-
 ciou aos 15 anos. Há nove me-
 ses em abstinência completa e
 em acompanhamento ambula-

tor de danos e na comunidade. Até
 agora, cerca de 120 kits já foram
 distribuídos.

Há, também, os formula-
 rios, em que constam todos
 os itens levados a campo pe-
 los redutores de danos de

por novas nunca é feita da pri-
 meira vez, pois leva um tempo
 para que o usuário se sintase-
 guro e acredite nos redutores
 de danos e na comunidade. Até
 agora, cerca de 120 kits já foram
 distribuídos.

Quando a pessoa aceita a proposta, passa
 a trocar as seringas usadas pelo kit



Básico

Carlos Alberto da Silva